

Curadoria em Artes Performativas: O ciclo temático *Gender Trouble - performance, performatividade e política de género* no Teatro Municipal Maria Matos

Sezen Tonguz

Relatório de Estágio de Mestrado em Comunicações e Artes

Data (Abril, 2015)

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Cláudia Madeira.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Cláudia Madeira pela sua comprometida orientação, leitura e comentário do relatório até ao último instante.

Ao Mark Deputter e à Andreia Cunha por me terem dado a possibilidade de integrar na equipa do Teatro Maria Matos, proporcionando condições para uma experiência rica.

À Maria Ana Freitas, Laura Lopes, Catarina Medina, Rita Tomás pela motivação e a toda a equipa do Teatro Maria Matos pela disponibilidade e abertura com que me acolheram.

À Salomé Coelho pela sua visão académica e pelo seu profissionalismo.

Aos meus pais que sempre acreditaram nas minhas capacidades durante esta etapa desafiante de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, dando constante apoio mesmo estando longe.

A todos os amigos que sempre me incentivaram ao longo deste percurso especialmente à Madalena Contente, ao Matthieu Erhlacher, à Vera Francisco e à Debbie Rodrigues.

TÍTULO: CURADORIA EM ARTES PERFORMATIVAS: O CICLO TEMÁTICO *GENDER TROUBLE - PERFORMANCE, PERFORMATIVIDADE E POLÍTICA DE GÉNERO* NO TEATRO MUNICIPAL MARIA MATOS

AUTOR: SEZEN TONGUZ

PALAVRAS-CHAVE: Artes Performativas, Curadoria, Estudos Performativos, Performatividade de Género, Teatro

RESUMO: O presente relatório pretende ilustrar os resultados do estágio na área de programação artística desenvolvido no Teatro Municipal Maria Matos, em Lisboa. Apresenta um enquadramento desta organização e uma reflexão crítica e teórica sobre o conceito de curadoria de artes performativas, especificamente, no que diz respeito às práticas para estruturar um programa temático no teatro municipal enquanto centro de exibição, produção e divulgação das artes performativas.

O relatório articula três partes. Na primeira parte, aborda-se uma aproximação institucional e a descrição das tarefas da área de programação no Teatro Maria Matos. Na segunda parte, apresentam-se conceptualmente as questões da programação temática *Gender Trouble - performance, performatividade e política de género*, as relações com a arte contemporânea e a história de arte. E, finalmente, na terceira apresentam-se algumas observações sobre a estrutura de programação e produção de *Gender Trouble*, no âmbito da rede internacional *House on Fire*, em colaboração com parceiros internacionais, tornando-se esta linha programática um convite para uma reflexão sobre a genealogia do conceito “performatividade de género” que espelha reflexões teóricas e práticas artísticas, académicas e ativistas.

TITLE: CURATING PERFORMING ARTS: THEMATIC PROGRAM *GENDER TROUBLE - PERFORMANCE, PERFORMATIVITY AND GENDER POLITICS* AT MUNICIPAL THEATER MARIA MATOS

AUTHOR: SEZEN TONGUZ

KEY WORDS: Performing Arts, Curatorship, Gender Performativity, Performance Studies, Theatre

ABSTRACT: This report intends to illustrate the results of the internship developed in Municipal Theater Maria Matos in Lisbon, in the department of artistic program. It presents an institutional framework and a critical and theoretical reflection on the concept of curatorship of performing arts and its relation with public, specifically with practices to structure a thematic program in the municipal theater as a center of exhibition, production and dissemination of arts.

The report articulates three parts. First part focuses on an institutional analysis and a description of the tasks of the artistic program department of TMM. The second part, a more conceptual part dealing with issues about thematic program “*Gender Trouble-performance, performativity and gender politics*” and its relationships with art and art history. And finally, in the third part some observations on the structuring the thematic program “*Gender Trouble*”, in the scope of international network *House on Fire*, in collaboration with international partners, turning this reflection into an invitation to reconsider the genealogy of the concept “*gender performativity*” that mirrors theoretical reflections and artistic, academic and activist practices.

INTRODUÇÃO	1
1. TEATRO MUNICIPAL MARIA MATOS	2
<i>1.1. Missão e Visão do TMM</i>	2
<i>1.2. Políticas de Programação e o plano estratégico</i>	3
1.2.1. Teatro e Dança	4
1.2.2. Música	7
1.2.3. Crianças e jovens	7
1.2.4. Debate e Pensamento no âmbito dos ciclos temáticos	8
<i>1.3. Actividades no departamento de programação</i>	9
2. CONCEPTUALIZAÇÃO DO TEMA	11
<i>2.1. Teoria da performatividade</i>	12
<i>2.2. Identidade e Género nas artes performativas</i>	14
<i>2.3. Performatividade de Género</i>	15
3. O CICLO TEMÁTICO	17
<i>3.1. Palestras</i>	18
<i>3.2. Workshops</i>	20
<i>3.3. Espectáculos</i>	21
<i>3.4. Os eventos temáticos na rede House on Fire</i>	24
3.4.1. WoWmen!	24
3.4.2. Männlich Weiß Hetero - A Festival about Privilege	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5. BIBLIOGRAFIA	28
6. LISTA DOS ANEXOS	29
<i>6.1. Anexo I : Programa do ciclo Gender Trouble</i>	30
<i>6.2. Anexo II : Programa e Artistas de Video & Gender</i>	33
<i>6.3. Anexo III : WoWmen! no Kaaitheater</i>	35
<i>6.4. Anexo IV : Männlich Weiß Hetero - A Festival about Privilege no HAU</i>	38

INTRODUÇÃO

O presente relatório pretende ilustrar os resultados do estágio na área de programação desenvolvido no Teatro Maria Matos, em Lisboa. Neste relatório além de fazer um enquadramento desta organização e da sua programação temática sobre performatividade e políticas de género, assim como o relato das minhas atividades, pretendo realizar uma reflexão crítica e teórica sobre os estudos de performatividade e de género e as suas relações com as artes cénicas, especificamente com abordagens e políticas de criação e programação de arte contemporânea.

Os objetivos deste estágio como assistente da direção artística e da programação de artes performativas denominada *Gender Trouble - performance, performatividade e política de género*, que inclui espectáculos, encontros, workshops e debates acerca do tema “género” e que ocorrerá no âmbito da rede internacional *House on Fire*, são:

- a) Traçar uma genealogia do conceito “performatividade de género” que espelha reflexões teóricas e práticas artísticas, académicas e ativistas;
- b) Pesquisar sobre as questões relacionadas com o tema género nas artes visuais e performativas contemporâneas no contexto e atualidade de Portugal, Europa e no mundo.
- c) Observar e analisar a estrutura de programação e a produção de *Gender Trouble*;
- d) Obter competências de direção e de programação, através da participação nas actividades do Teatro Maria Matos, e prestando apoio geral relativamente à implementação de projectos no curto e no longo prazo;
- e) Ganhar competências nas áreas de curadoria das artes cénicas, produção e comunicação.

Durante o estágio, o trabalho realizado focou-se no conceito de *Gender Trouble*, que se estabelece através dos estudos do género (*gender studies*) e estudos da performance (*performance studies*) – bem como as questões relacionadas com as artes visuais e performativas contemporâneas no contexto e na atualidade de Portugal, na Europa e no mundo.

1. TEATRO MUNICIPAL MARIA MATOS

1.1. Missão e Visão do Teatro Maria Matos

O Teatro Maria Matos (TMM) é um dos dois teatros municipais de Lisboa. Abriu as suas portas a 22 de Outubro de 1969, sob a direcção artística de Igrejas Caeiro. Em 1982, o teatro foi adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa, deixando de ter companhia residente e passando para um regime de acolhimento de projectos independentes e de companhias de teatro, de dança e de música.

Em 2003, a gestão do TMM transitou para a empresa municipal EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural. Dado o seu estado de degradação, em Agosto de 2004, deu-se início a uma intervenção de profunda remodelação deste espaço cultural, conferindo-lhe uma nova identidade e dotando-o de condições profissionais para a apresentação de espectáculos. O TMM reabriu a 27 de Março de 2006, um espaço sofisticado e acolhedor que, para além da sala principal, com capacidade para 447 lugares, é dotado de um café e de uma sala de ensaios.

Após a reabertura, tendo como director artístico Diogo Infante, o teatro consolidou-se como uma das principais salas de espectáculos da cidade de Lisboa, apostando numa programação de produções teatrais próprias e co-produções de vários festivais de artes performativas e de cinema de Lisboa.

A partir de Outubro de 2008, com a alteração da direcção artística, que passou a ser assumida por Mark Deputter, o TMM modificou o seu perfil programático, para começar a acolher criadores nacionais e emergentes, nas áreas do teatro, da dança e da música. Na actualidade o TMM assume-se como um pólo dinamizador e lugar de referência da criação contemporânea e independente portuguesa e internacional em Lisboa. A equipa em funções desenvolveu um projecto de programação que engloba quatro áreas de intervenção: artes performativas, música, programação para crianças e jovens e debate & pensamento.

Promove activamente o intercâmbio e a colaboração a nível nacional e internacional, dando visibilidade à criação nacional num contexto europeu e global. Neste sentido, a programação do Teatro foca com regularidade temas da actualidade,

através de programas multidisciplinares de palestras, debates, filmes, espectáculos, instalações e intervenções no espaço público.

Pegando na ideia clássica do teatro como lugar de discussão e pensamento das questões da *polis*, o TMM aposta igualmente no seu Projecto Educativo e na organização de conferências, debates e seminários sobre temas da actualidade. Acolhe e coproduz espectáculos de teatro, dança, concertos e projectos para crianças e jovens.

Colabora com artistas e companhias independentes, coproduz vários festivais, encomenda mostras e eventos temáticos, e partilha ciclos de programação com outras instituições de Lisboa, dos quais se destaca o ciclo Teatro/Música com a Fundação Calouste Gulbenkian. A colaboração e a parceria são fundamentais na programação do TMM. A vocação internacional do TMM passa pela apresentação regular de artistas estrangeiros, a coprodução internacional e a internacionalização da criação portuguesa.

1.2. Políticas de Programação e o plano estratégico

A programação do TMM concentra-se na criação contemporânea na área das artes performativas desenvolvendo a sua actividade num contexto interdisciplinar e abrindo portas à experimentação de novas formas e propostas. O TMM estende a sua actividade a todas as artes do palco – teatro, dança e música – procurando activar as áreas de confluência entre estes e criando oportunidades para dinâmicas artísticas de pesquisa e de questionamento.

A partir da temporada de 2009-2010, o TMM torna-se um co-produtor teatral apoiando a criação independente. Afastando-se do perfil anterior de produção teatral própria, colabora e acompanha muitos criadores e companhias lisboetas e portuguesas sem teatro próprio ou estrutura fixa. Ao mesmo tempo promove activamente o intercâmbio e a colaboração a nível nacional e internacional, inscrevendo a criação nacional num contexto europeu e global. Propõe-se como um lugar onde artistas e públicos se encontram para “reflectir sobre a arte e o mundo em que vivemos”, em diálogo com pensadores, cientistas e as organizações da sociedade civil.

Desde 2009, apesar dos objectivos definidos terem registado algumas alterações mantiveram linhas de acção estruturais como:

- Apresentar um programa regular de artes performativas contemporâneas nacionais e internacionais e criação para o público infanto-juvenil, delineando um perfil de programação coeso, contínuo e identificável.
- Aumentar significativamente o público para a criação contemporânea privilegiando o acesso aos jovens e estudantes.
- Contribuir para o crescimento profissional dos artistas contemporâneos, colocando um equipamento cultural de grande relevo ao serviço das suas obras, possibilitando assim um maior investimento em criações que rompem com cânones estabelecidos e fórmulas conhecidas.
- Criar um contexto internacional para a criação nacional e aumentar a visibilidade de artistas contemporâneos portugueses a nível internacional. Fazer parte de redes internacionais de produção, itinerância e intercâmbio, fomentando a programação e a co-produção internacional.
- Disponibilizar um espaço para o encontro e debate crítico, desenvolvendo um programa regular de debates públicos sobre temas da actualidade cultural, política, científica e social, em diálogo com artistas, pensadores, cientistas e as organizações da sociedade civil.
- Consolidar o projecto educativo, através de uma programação própria e regular de oficinas e espectáculos e de uma interacção criativa com o meio escolar, procurando o intercâmbio com outros serviços educativos.
- Intensificar a colaboração com os demais equipamentos da EGEAC e camarários e com outros teatros, organizações culturais e festivais de Lisboa.
- Potenciar a visibilidade do Teatro e do seu novo perfil, através de estratégias de comunicação e mediatização.

1.2.1. Teatro e Dança

O TMM investe na apresentação e coprodução de artistas portugueses, desempenhando um papel pró-activo no panorama artístico nacional. Na sua

relação com o tecido artístico, a programação do TMM valoriza o percurso do artista em detrimento da obra pontual, estabelecendo parcerias duradouras com um leque variado de artistas e companhias. A aposta na continuidade oferece aos artistas maior estabilidade e uma perspectiva de crescimento. Proporciona também ao público a possibilidade de estabelecer um diálogo com a obra de um artista em vez de encontros esporádicos e pontuais.

A política das co-produções é enquadrada num esforço mais amplo que procura alargar a base de apoio dos criadores favorecendo a circulação das obras e aumentando a sustentabilidade da criação contemporânea e o crescimento dos públicos.

O TMM tem acompanhado uma geração de artistas que, há seis anos atrás, se encontravam nas margens da oferta teatral, com o objectivo explícito de valorizar o seu trabalho e de os apresentar a um público mais alargado bem como os artistas emergentes da nova geração, seguindo as suas trajectórias e apoiando o desenvolvimento da sua carreira artística.

TMM é membro fundador da rede *5 Sentidos*, que promove a programação em rede a nível nacional. Pensada para promover a programação cultural e a produção artística em rede, a *5 Sentidos* foi criada, inicialmente, por cinco estruturas culturais do país em 2009, tendo sido alargada, mais tarde, para 10 parceiros em 2013. Esta rede de programação cultural surgiu com o intuito de estabelecer uma colaboração mais estreita entre os vários teatros assente na troca de saberes, processos e experiências de trabalho. Uma estratégia que visa fortalecer o desempenho de todos os parceiros e que permita apoiar os artistas e responder às suas necessidades através de ações concertadas no âmbito da coprodução, dos circuitos de apresentação, das residências, do acompanhamento artístico e das parcerias internacionais. Os equipamentos que integram esta rede de programação cultural são: Centro Cultural Vila Flor (Guimarães), Teatro Micaelense (Ponta Delgada), Maria Matos Teatro Municipal (Lisboa), Teatro Nacional São João (Porto), Teatro Municipal da Guarda, Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra), Teatro Viriato (Viseu), Teatro Virgínia (Torres Novas), Centro de Artes de Ovar, Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo), Teatro Municipal do Porto - Rivoli e Campo Alegre.

No triénio 2011-14, o TMM reforçou a sua posição como produtor internacional contando com o apoio de duas redes internacionais, *House on Fire* e *Create to Connect*, através de candidaturas ao Programa Cultura da União Europeia. O TMM é fundador e coordenador da rede *House on Fire*, que junta 10 teatros e festivais europeus à volta de um projecto de reinvenção do teatro social e politicamente activo, e integra a rede europeia *Create to Connect*, que procura alargar e intensificar a relação entre artistas e público.

A rede *House on Fire*, criada pelo TMM em 2011, é apoiada pelo Programa Cultura da União Europeia para o período 2012-17 e dedica-se à co-produção e digressão de espectáculos e à organização de eventos temáticos a nível internacional. Maria Matos Teatro Municipal / EGEAC – Lisboa (Portugal) é coordenador da rede e os seus membros são Kaaitheater – Bruxelas (Bélgica), o Bergen Internasjonale Teater – Bergen (Noruega), o ARCHA Theatre – Praga (República Checa), o Théâtre Garonne – Toulouse (França), o Frascati – Amesterdão (Holanda), MALTA Festival – Poznan (Polónia), o BRUT – Viena (Áustria), o HAU / Hebbel Theater – Berlim (Alemanha), o LIFT / London International Festival of Theatre – Londres (Grã-Bretanha).

A rede internacional *Create to Connect*, entrou em vigor no dia 1 de Setembro de 2013 é apoiada pelo Programa Cultura da União Europeia para o período 2013-18. Junta os seguintes parceiros: Bunker - Ljubljana (Eslovénia) – coordenador, o Maria Matos Teatro Municipal / EGEAC – Lisboa (Portugal), o Altart Foundation – Cluj (Roménia), o Arts Admin – Londres (Grã-Bretanha), o Santarcangelo dei Teatri – Santarcangelo (Itália), o Noorderzon Festival – Groningen (Holanda), o Arts & Theatre Institute – Praga (República Checa), o Rotterdamse Schouwburg – Roterdão (Holanda), o Walking Theory – Belgrado (Sérvia), o Parc de la Villette – Paris (França).

Os objectivos da programação internacional do TMM são o de apresentar ao público português o melhor que se faz a nível internacional na criação contemporânea, através da programação de nomes sonantes e também propostas inovadoras de criadores menos conhecidos, que tenham a capacidade de surpreender os espectadores e inspirar os criadores locais.

Ao nível nacional e internacional, O TMM ainda coproduz os festivais FIMFA, Alcantara, Temps d'Images e Festival de Almada. Está envolvido na iniciativa única a nível internacional *Artista na Cidade* que contou com os nomes Anne Teresa De Keersmaecker em 2012 e Tim Etchells em 2014.

1.2.2. Música

A programação musical do TMM surge com o objetivo de disponibilizar a sala e os seus meios de produção e comunicação aos programadores independentes que não possuam local próprio para a exibição dos seus concertos e espectáculos. Ao mesmo tempo cria uma programação de artistas, nacionais e internacionais, que sejam exemplos da música contemporânea, sem se fidelizar em nenhum género ou corrente musical.

Tal como nas artes performativas, a programação de música aposta na construção de uma programação, nacional e internacional, contemporânea e esclarecedora sobre géneros e artistas que sejam referência na vanguarda e experimentação musical. Estimula a colaboração entre músicos e também artistas de disciplinas diferentes, como a dança de que são o exemplo recente Tok'Art e Simon Phillips, estrangeiros e nacionais, em formato de residência artística.

1.2.3. Crianças e jovens

O TMM aposta na criação contemporânea nacional para o público infanto-juvenil, através de co-produções e encomendas de espectáculos e oficinas a criadores com um percurso profissional relevante no panorama artístico português.

Estreita relações com a comunidade escolar (alunos, professores e outros educadores), bem como a comunidade envolvente. Por exemplo, visitas guiadas ao teatro, nomeadamente, o projecto "Dentro de Cena" é aberto a crianças a partir dos 4 anos com o objectivo destas conhecerem o teatro. As escolas ou grupos organizados até 30 pessoas podem marcar visitas guiadas. No caso das escolas, são 3 grupos de idades: 4 aos 6 anos (pré-escolar e 1.º ano) onde se desenvolve uma primeira abordagem ao Teatro, na qual se privilegia a descoberta sensorial dos seus espaços.

Para as crianças e jovens dos 7 aos 12 anos (2.º ao 4.º ano) procura-se dar a conhecer da plateia ao palco, passando pelos camarins e zonas técnicas, dando assim a conhecer como funciona o Teatro. A partir dos 13 anos (a partir do 7.º ano) desenvolve-se um percurso pelo palco, teia e outros espaços do Teatro tendo por base a história da instituição até aos dias de hoje.

Existem assim, conteúdos e abordagens específicas para faixas etárias diferentes. O TMM promove os projectos que se destaquem pela contemporaneidade da proposta, pela relação com os universos diferentes das crianças e adolescentes e pela qualidade teatral da apresentação. Por exemplo, a faixa etária dos adolescentes é frequentemente negligenciada com o argumento de que já tem acesso às actividades culturais para adultos; por outro, trata-se de um público difícil de seduzir para as artes do espectáculo mais alternativas.

1.2.4. Debate e Pensamento no âmbito dos ciclos temáticos

Como teatro municipal, o TMM assume a responsabilidade de estimular o debate público, pelo que desenvolve várias estratégias para a promoção do encontro entre público e artistas.

Procura promover contactos entre áreas de conhecimento radicalmente diferentes: análises académicas, discursos filosóficos, aproximações artísticas, participações de organizações cívicas, experiências da vida quotidiana.

Uma medida estruturante é a escolha de um tema por trimestre. O tema é apresentado num *dossier* na brochura bimestral do teatro e depois discutido e trabalhado em eventos públicos, tais como conferências, seminários, debates, workshops, ateliers para crianças, entre outros. Simultaneamente, o tema escolhido tem ressonâncias na programação: sem querer reduzir as obras artísticas a um papel ilustrativo, o tema terá impacto na organização e no conteúdo da programação do teatro e, em certos casos, será o motivo para a organização de ciclos ou projectos assumidamente temáticos. Os temas anteriores foram *Governar* (Setembro/Dezembro 2009), *Tempo* (Janeiro/Abril de 2010), *Trans/Nacional* (Maio/Julho de 2010), *Abundancia*, *Biografia*, *Pertencer* (2011), *Arte e política*, *Economia*, *Estranho e*

inaudito, Manifesto (2012), *Projecto baldios, Transição* (2013), *The great war, There's no such thing as society* (2014).

Desde o início do 2013, os temas avançados no contexto do programa do TMM são trabalhados em colaboração com os parceiros da rede, passando por encomendas conjuntas de obras de arte, organização partilhada de conferências e palestras, partilha de contactos e informação e discussão de ideias e projectos. Os programas temáticos previstos para os próximos dois anos no contexto da *House on Fire* são *Gender Trouble - performance, performatividade e política de género* (Maio-Junho 2015) e *Os Estados Unidos da Europa* (Setembro/Outubro 2015).

1.3. Actividades no departamento de programação

O TMM é constituído pelos departamentos de Programação, Produção, Direção de Cena, Direção Técnica e Administração. A organização do trabalho do teatro é feita em reuniões semanais de coordenação com a presença de alguns membros de cada departamento onde se avaliam as actividades que decorreram na semana anterior assim como os que vão acontecer nessa semana, discutindo-se quer as actividades de programação, quer sejam espectáculos, oficinas, ensaios, como actividades de produção ou avaliação: recepção dos artistas, processo de montagem técnica, a venda de bilhetes, o público, o trabalho de imprensa e o retorno da divulgação. É ainda contemplado o planeamento dos eventos seguintes, comunicação de assuntos relevantes e divisão de tarefas precisas.

No mesmo dia, realiza-se também a reunião semanal da área da programação com moderação do director artístico Mark Deputter, e com a participação da directora executiva Andreia Cunha, da programadora de crianças e jovens Susana Menezes, do programador da música Pedro Santos, da assistente da programação Laura Lopes, da responsável de textos e conteúdos do gabinete da comunicação Maria Ana Freitas e comigo, enquanto a estagiária da programação, discutindo-se as ideias dos projectos para o futuro. A equipa de programação artística procura projetos actuais ou entra em contato com artistas para encomendar espectáculos ou outras formas de intervenções artísticas. Acompanham e convidam artistas emergentes e/ou estabelecidos para

coproduções nacionais no âmbito de rede 5 *Sentidos* ou ao nível internacional. Procuram colaborações com instituições artísticas, académicas, ativistas e festivais.

Durante os seis meses em que o estágio decorreu, as minhas tarefas foram variadas. Iniciei o estágio por um período de observação e adaptação aos procedimentos organizacionais regulares para conhecer os papéis da equipa do teatro; participei nas reuniões curatoriais do ciclo temático *Gender Trouble - performance, performatividade e política de género* e comecei a pesquisa teórica sobre performatividade de género. A equipa de programação do ciclo *Gender Trouble* é constituída pelo Director Artístico Mark Deputter, pela Salomé Coelho co-curadora do projecto, pela Andreia Cunha, Laura Lopes e por mim. É esta equipa que discute as linhas principais da programação do ciclo temático que toma as decisões sobre esta programação. A equipa de programação de *Gender Trouble* reuniu-se com frequência de modo a analisar temas actuais e relevantes no contexto contemporâneo sobre o tema, bem como para pôr a par cada elemento da equipa sobre os projectos que cada um se encontra a pesquisar e a definir.

A minha pesquisa foi sendo desenvolvida e aprofundada através das questões levantadas nas reuniões e evoluiu com o conhecimento que fui desenvolvendo sobre as questões de estudos de género e performatividade. No âmbito do estágio que desenvolvi dentro dessa equipa de programação criei uma base de dados que serviu para mapear as pessoas, as iniciativas, as companhias, as associações, os centros de estudos, e ainda os departamentos académicos que trabalham nessa área temática. Foram, também mapeados, os eventos que já aconteceram ou estão a acontecer nessa área em Portugal, na Europa e no mundo. As contribuições de cada membro da equipa foram sendo acrescentadas à base de dados, possibilitando o desenvolvimento de uma pesquisa mais aprofundada, nomeadamente, através da complementaridade de informações relevantes como textos, imagens, vídeos, etc.

A co-curadora Salomé Coelho desenvolveu um ciclo de debates com uma abordagem contemporânea em relação às questões de género numa perspectiva mais académica. O director artístico planeou a programação dos espectáculos nacionais e internacionais do ciclo. Uma *shortlist* de eventos foi criada em Dezembro e a partir daí intensificou-se o processo de contactos, através do estabelecimento de convites e de

confirmações. Assumi a responsabilidade de comunicar com os produtores dos espectáculos e outros intervenientes para negociar os cachets, as condições logísticas e as datas das apresentações de acordo com o calendário geral de programação do teatro e também da disponibilidade dos artistas, membros dos projectos artísticos e dos oradores, assim como dos equipamentos do teatro. No fecho da estrutura da programação participei nos processos de decisão sobre a escolha dos projectos, os formatos de apresentação, preçário e a participação do público.

Relativamente à comunicação colaborei na recolha e na produção do material de divulgação que tem por base a compilação de conteúdos, tais como: biografias, fotografias, fichas técnicas e sinopses dos espectáculos, debates, oficinas. Este material será usado na brochura bimensal *PrograMMa*, nas folhas de sala, no *press release* e nas *newsletters*. A comunicação com os intervenientes e a equipa de curadoria e da comunicação é muito importante para manter a informação o mais completa possível, e assim produzir conteúdos acessíveis e interessantes para o público. Além disso participei também na comunicação da atualização das informações contratuais, técnicas e logísticas aos respectivos departamentos.

2. CONCEPTUALIZAÇÃO DO TEMA

Entre Maio e Junho de 2015, o TMM apresenta um programa de artes performativas, encontros, workshops e debates acerca do tema “género”, no âmbito da rede internacional *House on Fire*. O ponto de partida para esta programação foi a obra *Gender Trouble - Feminism and the Subversion of Identity* da investigadora e filósofa americana Judith Butler. O ciclo temático chama-se *Gender Trouble - performance, performatividade e política de género* e consiste num ciclo de debates, espectáculos, workshops e outras intervenções artísticas.

Publicado em 1990, o livro *Gender Trouble* estabelece uma ligação entre os Estudos do Género (gender studies) e os Estudos da Performance (performance studies) através do conceito de *performatividade de género*. O mesmo conceito reconfigura o pensamento e as ações em torno do género e das sexualidades, nos feminismos contemporâneos e no desenvolvimento da teoria *queer* propondo que o

género é algo construído e performatizado em vez de ser um dado natural ou uma categoria ontológica.

2.1. Teoria da performatividade

Pensando no conceito *performatividade* e mais especificamente *performatividade de género* como um assunto de discussão essencial na nossa sociedade contemporânea, devo começar por procurar uma definição de o que é o conceito de “performance” a partir de diferentes perspectivas teóricas, práticas e projectos à volta deste. Segundo Erving Goffman, um “desempenho” (*performance*) pode ser definido como toda a actividade de um dado participante numa determinada ocasião. No seu livro *A Apresentação do Eu na Vida do Todos os Dias* (1959), ele afirma também que temos todos um “papel” e eventualmente a concepção desse papel torna-se uma segunda natureza que se infunde na personagem do indivíduo.

Por outro lado, as *performances* são feitas de pedaços de *comportamentos restaurados*, mas cada performance é diferente de todas as outras. Nenhum evento pode copiar exatamente um outro evento. Não só o próprio comportamento - nuances de humor, tom de voz, a linguagem corporal, e assim por diante, mas também a ocasião específica e o contexto tornam cada instância única.

Richard Schechner acrescenta que a *performance* ocorre somente em ação, interação e relação. Ele categoriza oito situações onde as performances acontecem às vezes separadamente e outras vezes sobrepõem-se umas às outras: na vida (quotidiana “apenas vivendo”), nas artes, em desportos e outros entretenimentos populares, na tecnologia, no sexo, em ritual, em jogo. Segundo Schechner, alguns eventos são *performances* e outros eventos menos. Há limites para o que “é” *performance*. Mas praticamente qualquer ação pode ser estudada “como” *performance*. Uma ação “é” uma *performance* enquadrado por um a partir de contexto histórico e social, convenção, uso e tradição como rituais, jogos, e mesmo os papéis sociais da vida. (Schechner, 2002). Não se pode determinar o que “é” uma *performance* sem fazer referência às circunstâncias culturais específicas. Mas a partir

da observação da prática cultural, algumas ações serão consideradas *performances* e outras não; e isso varia de cultura para cultura e período histórico.

Marvin Carlson no seu livro *Performance: A Critical Introduction* (1996) salienta que o termo *performance* tornou-se extremamente popular a partir dos últimos anos da década 1980 numa ampla gama de áreas como as artes, a literatura e as ciências sociais. A sua popularidade e uso ampliou-se, assim como as tentativas de analisar e entender exatamente que tipo de actividade humana é *performance*. O reconhecimento de que as nossas vidas são estruturadas de acordo com modos repetidos e os comportamentos socialmente restaurados levanta a possibilidade de que toda atividade humana poderia ser considerada como *performance*, ou, pelo menos, toda a atividade realizada com uma consciência de si mesma.

Não só as acções mas também os actos de fala (speech acts) podem ser considerados performativos segundo o J.L. Austin. No seu livro *How To Do Things With Words* este autor argumenta que certos tipos de discurso são também *performances*. Austin refere que existem certos tipos de discurso que não apenas expressam ou transmitem informações – como são actos performativos. Esses actos de fala realmente fazem alguma coisa; criam ou inauguram um novo estado de coisas (Austin, 1975).

Voltando à perspectiva ao conceito que o Schechner introduziu juntamente com o antropólogo Victor Turner que fundou a base para os chamados estudos da *performance*: os hábitos, rituais e rotinas da vida são comportamentos restaurados. O termo *comportamento restaurado* é o processo chave de todo o tipo de desempenho na vida quotidiana, no ritual, em jogo, e nas artes. O *comportamento restaurado*, separado do "eu", significa que "me comporto como se eu fosse outra pessoa", ou "como se me tivessem dito o que fazer", ou seja funciona como uma espécie de guião de base. Mesmo quando o eu se sente inteiramente a ser "eu" mesmo, agindo de forma independente, as unidades de comportamento que compõem o "eu" não foram inventadas por "mim". Ou, muito pelo contrário, eu posso até experimentar estar "fora de mim", "não eu", ser "tomado" como em transe (Schechner, 2002). As *performances* podem ser generalizadas a nível teórico de restauração de comportamento. No

entanto, como práticas corporais cada desempenho é específico e diferente de todos os outros.

2.2. Identidade e Género nas artes performativas

No início dos anos 60, a arte ao vivo e os happenings concebiam-se enquanto uma extensão da vida quotidiana que envolvia o observador, nalguns casos, como participantes activos, assinalando um evento único. As manifestações políticas na altura, provocaram performances que chamaram atenção para a construção e descoberta da identidade individual e dos direitos de igualdade, independentemente do género, raça, idade, classe, etc.

Artistas como Yoko Ono, Yvonne Rainer, Simone Forti, Carolee Schneemann, Deborah Hay, Lucinda Childs, entre outros, criaram performances baseadas diretamente em questões do género. Com a sua performance *Cut Piece* (1964) Yoko Ono ficou sentada sem se mexer enquanto o público cortava pedaços da sua roupa e assim ela conseguiu propor um olhar feminista ao abuso e à violência. Carolee Schneemann, por outro lado, começou a usar o seu corpo como extensão das suas construções de pintura, criticando as regras masculinas no mundo da arte. Durante a década de 1970, obras poderosas foram criadas, inspiradas em materiais autobiográficos e em temas míticos numa forma similar aos rituais. Tal é o exemplo de "Education of the Girlchild" (1972) de Meredith Monk ou ainda de "Mitchell's Death" (1978) de Linda Montano onde as artistas apresentaram as suas experiências pessoais, as suas histórias comuns (Carlson, 1996).

Tanto na teoria como na prática as performances desenvolvidas pelas mulheres reverberaram fortemente desde nos anos 60. Carlson, considera que umas das causas que atraiu as mulheres à arte de performance foi o facto das mulheres puderem através desta arte ter o controlo total do processo de criação. Pois, criavam os seus próprios projetos assumindo todos os papéis como o autor, o produtor, o diretor, o ator e até, muitas vezes, como a carpinteira e desenhadora de figurinos ao contrário dos actores tradicionais. Nas décadas de 1970s e 1980, a maioria dos assuntos em torno da questão de do género foram abordados pelas artistas e teóricas feministas. A

partir do século XXI, a maioria dos artistas que começaram e continuaram a trabalhar nas questões de género eram homossexuais membros das minorias étnicas, activistas e nas suas obras reflectiam uma abordagem identitária incluindo raça, idade, classe, etc (Carlson, 1996).

2.3. Performatividade de Género

Os Estudos da Performance têm uma forte relação com os campos do feminismo, a psicanálise, a teoria racial crítica e teoria *queer*. Ao desenvolver o conceito da “performatividade do género”, Butler explica que o indivíduo constrói a sua identidade sob regras sociais e culturais que criam uma ilusão de uma integridade heteronormativa. A percepção assumida por norma é a de que sexo biológico (masculino/feminino) forma a identidade do género (homem/mulher) e que o desejo sexual só pode ser direccionado pelo sexo oposto, marginalizando opções alternativas da sexualidade, identidade e desejo. Desta forma, o corpo é pensado como uma construção inata, na medida em que os discursos sobre o corpo, a sexualidade e o género definem o que é considerado corpo, os seus limites e o seu significado. Com este conceito, Butler questiona as normas institucionais, legais e culturais que estabelecem uma coerência discursiva entre sexo, género e desejo.

Butler discute se essa assunção é realmente consistente e acrescenta que a normalidade binária impõe um género assim como os comportamentos associados a partir de uma ficção disfarçada de lei natural. Seguindo as teorias de vários filósofos como Foucault, Lacan, Irigaray, Beauvoir, Wittig e Kristeva entre outros, Butler defende que a identidade do género não expressa uma ‘verdade’ interior, mas é um fenómeno inconstante e contextual, resultado de uma “repetição de ações estilizadas” enquanto as teorias anteriores encaravam esta construção social como uma manifestação de uma suposta identidade sexual estável e ‘verdadeira’, masculina ou feminina, resultado de múltiplos processos de socialização que exercem o seu poder sobre o indivíduo como um ser sexual.

Butler parte da análise de performances *drag*, e da ideia de que o género é ensaiado e representado, para pensar as performances de género, sugerindo que

qualquer processo de assunção de uma identidade de género implica uma imitação de gestos em que não há original que possa ser imitado. Daí que para Butler além da dimensão performática, existe ainda uma dimensão paródica nos processos de aquisição de expressões de género - por exemplo, as práticas de travestismo e cross-dressing.

*“Is drag the imitation of gender, or does it dramatize the signifying gestures through which gender itself is established? Does being female constitute a “natural fact” or a cultural performance, or is “naturalness” constituted through discursively constrained performative acts that produce the body through and within the categories of sex?”*¹ (Butler, 1999)

As performances *Drag*, seja no palco, seja na rua, surgem como o desafio de assumir o papel do sexo oposto pela aparência e comportamentos atribuídas em excesso. É uma experiência paródica de sedução, rejeição, estranhamento. Espectáculos de Drag Queen são comuns na vida noturna onde um homem ou travesti veste-se, atua como uma persona de uma mulher imaginária, muitas vezes, com um exagero efeminado.

A artista Diane Torr, lecciona desde 1990 workshops que se chamam “Man For a Day” e mais recentemente “Woman For a Day” na América do Norte, Europa e Ásia. Nos workshops, ela oferece uma possibilidade da fuga da construção social da identidade de mulher ou homem e proporciona a experiência de estar com a aparência do sexo oposto, agir como ele desde ações básicas individuais até à interação com os outros no espaço público. É uma maneira de expandir os nossos *repertórios de género*.

Nalgumas sociedades, há várias pessoas, que não necessitam de tal workshop para sair à rua com roupa ou corte de cabelo ou outros aspectos de aparência associado com o sexo oposto. O termo *cross-dressing* no fundo, não implica comportamentos relacionados com a orientação sexual, ou seja as identidades como transsexual, homossexual, bissexual, assexual ou fetichista, etc. Esta distinção social e

¹ Na introdução do *Gender Trouble* revisado em 1999

política de uso de roupa de mulher ou roupa de homem, revela a repressão, restrição, normalização e confirmação pelo o que vestem. Certamente há uma associação de masculinidade com o poder e de feminidade com a submissão. Deste modo, uma mulher vestir-se com roupas de homem é mais aceitável do que um homem vestir-se com roupas de mulher. Segundo Butler, o *cross-dressing* funciona como uma ruptura de masculinidade e uma repetição subversiva da feminidade.

A desconstrução dos conceitos de género e de sexo deram um impulso aos chamados *queer studies*, a teorização acerca de identidades e comportamentos sexuais fora da norma da heterossexualidade: gay, lésbica, bissexual, transgénero, hermafrodita, etc. Vinte e cinco anos após a sua publicação, o livro *Gender Trouble* continua a marcar não só a investigação académica, os movimentos feministas e LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgénero, Queer e Intersexo), como também artistas.

3. O CICLO TEMÁTICO

O diretor artístico do Teatro Maria Matos convidou Salomé Coelho como curadora independente para juntos construírem o ciclo temático² tendo por base as teorias do livro *Gender Trouble*, e sua inspiração actual no meio académico, nos estudos feministas, nos ativistas pelos direitos das comunidades LGBT e também, nos artistas de espectáculo. Assim, os curadores deste projeto consideram que o teatro é o lugar ideal para reflectir sobre o debate acerca do sexo, do género e da orientação sexual. Surge como um espaço privilegiado para observar, experimentar e debater as performances subversivas de género através de espectáculos, workshops e debates incluídos nesta programação dedicada aos 25 anos do *Gender Trouble* que propõe um olhar crítico à nossa realidade contemporânea que adopta uma ficção binária e hegemónico em relação à nossa identidade de género.

² Consultar o Anexo I

3.1. Palestras

As palestras constituem a vértebra do ciclo sendo articuladas no seu conjunto e em diálogo com os espectáculos e workshops que irão ser apresentados: um panorama das práticas artísticas que têm contribuído para a transformação social, cultural e política, ao nível das representações de género, dos corpos e das sexualidades. Nessas palestras procuraram-se destacar pistas para problematizar a ligação entre artes performativas, performatividade de género e política, no sentido de proporcionar uma discussão aprofundada que tenha em conta a articulação da categoria de género com outras como raça, etnia, humano ou classe social, e conscientes das especificidades geo-culturais, convocando diferentes olhares, de artistas a académicos, de diversas geografias, campos disciplinares e expressões artísticas.

A estrutura das palestras tem a duração de aproximadamente 1 hora e meia, 30 minutos para a intervenção de cada orador e 30 minutos de interação com o público, exceto as últimas duas palestras. O moderador organiza o tempo e dinamiza as questões dos públicos no final, bem como a ligação entre as intervenções dos oradores.

No primeiro evento e debate do ciclo, na sua apresentação denominada “Corpos que se Movem - Da Fanzine à Praça Vermelha”, Cristiana Pena mestre em Estudos sobre as Mulheres (Universidade Aberta, Lisboa) e em Cultura Visual (Middlesex University, Londres) falará sobre as práticas artísticas e políticas *queer* feministas nas últimas décadas que ampliaram as suas expressões graças a novas tecnologias de comunicação. Na mesma sessão Francesca Rayner, Professora Auxiliar na Universidade do Minho, onde lecciona unidades curriculares de graduação e pós-graduação em Teatro e Performance, aborda performances que tenham desafiado as construções da identidade sexual, da família, da sociedade em Portugal através de um olhar sobre o trabalho performativo de Mónica Calle.

O segundo debate continuará no dia 12 de Maio com intervenções de Ana Gabriela Macedo e João Florêncio com moderação de Ana Lúcia Santos. “Enquadrar, Desenquadrar, Reenquadrar/Resistir – Mulheres, Arte e Feminismos, modos de ver diferentemente” é o título da apresentação de *Ana Gabriela Macedo*, Professora Catedrática da Universidade do Minho, cujas áreas de investigação incluem Estudos

Feministas e de Género. Procurará ilustrar alguns tópicos e questões fundamentais que “enquadram” as estratégias de mulheres artistas no diálogo com os Feminismos contemporâneos, através de um discurso crítico e de uma retórica paródica que incita à desconstrução de estereótipos culturais e de género. Professor de História da Arte e Cultura Visual Moderna e Contemporânea na Universidade de Exeter (Reino Unido) João Florêncio, na sua intervenção “Das Rochas, Apesar de Serem Rochas: Performance e Política Queer para Além do Humano” aborda o binómio de *Cultura/Natureza* através da extensão das noções de “performance” e “política queer” além do domínio do humano e da sua excepcionalidade e tentará perturbar a sua suposta rigidez.

No terceiro debate, a Luso-Palestiniana *Shahd Wadi* na comunicação denominada “Borders trouble: o lugar em jeito de corpo” reflete a (re)construção do corpo no contexto da fronteira entre o exílio e a Palestina ocupada e pergunta o que a *performance* faz para (des)construir um corpo (não) adequado a este lugar. Do outro lado de Oceano Atlântico, o artista Colombiano Carlos Motta, fala da teoria *queer* à descolonização do conhecimento, partilhando a sua experiência de produção e exibição da sua obra multidisciplinar *Nefandus Trilogy* (2013) e de outras obras de artistas da América Latina, enquanto ele procurando problematizar o potencial emancipatório do conhecimento *queer* como uma imposição colonial dentro dos contextos geo-culturais específicos.

Os últimos dois debates serão focados pela Ann Pellegrini nos estudos performativos sobre género e *performance* da vida quotidiana e por último a convidada de honra Judith Butler fará uma avaliação dos 25 anos depois da publicação do seu livro *Gender Trouble*.

Com o objetivo de apoiar e divulgar o desenvolvimento de pesquisa na teoria de estudos performativos e de género o TMM convidou a Livraria Marcel para estar presente no teatro durante o ciclo, apresentando os títulos publicados pelos oradores presentes e disponibilizando ainda um leque de livros dedicados ao tema. A Livraria Marcel abriu recentemente integrado nas instalações do Atelier Real na Rua Poço dos Negros em Lisboa e nasce da ideia de *reunir num só espaço obras de duas áreas*

diferentes e tão presentes na sociedade contemporânea que se cruzam há décadas - Artes Performativas e Estudos do Género.

Pensando estabelecer uma ligação entre o pensamento crítico e as práticas artísticas, Teresa Furtado, artista, professora e investigadora dos estudos de género e Vídeo Arte, foi convidada para compilar um programa de Vídeo & Género³. Conforme a curadora Teresa Furtado; *o vídeo, cuja origem remonta aos anos 1960, período em que se assiste a lutas profundas dos movimentos feministas, de gays, de lésbicas, bem como a reivindicações de outras minorias discriminadas, trouxe a possibilidade a numerosos artistas de darem visibilidade às suas experiências de vida em sociedades em que a norma vigente é o relacionamento heterossexual e a chamada família nuclear.* Ela convida seis artistas de renome internacional; Ana Pérez-Quiroga, Cabello/Carceller, Hans Scheirl, Tejal Shah, João Pedro Vale / Nuno Alexandre Ferreira e Suzie Silver a apresentarem as suas obras selecionadas. Todos os artistas trabalham com o vídeo ou/e no cinema experimental e são influenciados pelo pensamento butleriano, ao questionar, subverter e recriar as normas, representações e práticas de género e sexualidade, fazendo emergir novos discursos culturais identitários de subjetivação e autodeterminação.

3.2. Workshops

Gender Trouble - performance, performatividade e política de género procura sugerir espaços que sejam de experimentação de performances alternativas e subversivas da norma de género dominante em conjunto com a programação de debates e espectáculos que são de observação e reflexão sobre performatividade de género.

No workshop de *Drag King*, activista (trans)feminista M en conflicto (Espanha) convida os participantes a explorar e a jogar com a construção da masculinidade, de uma forma paródica. A masculinidade é vista como uma identidade neutra e é um lugar de privilégio, não permitindo, no contexto social, àqueles que não foram diagnosticados como um menino no momento do nascimento. Neste workshop, os

³ Consultar Anexo II

participantes exploram a masculinidade, descobrindo a sua construção e brincando com ela, na perspectiva de ocupação desse lugar no espaço público.

No workshop *The body as a sound post-gender instrument*, o laboratório artístico Akelarre Cyborg propõe-se pensar o gênero não apenas como performativo, mas também como prótese, no sentido das teorias de Paul B. Preciado, através da criação de novos órgãos e funções ou de formas diversas de ser e de fazer. Akelarre Cyborg é um projeto de duas iniciativas Quimera Rosa e Transnoise que reúne artistas de França, Grécia e Espanha. Neste workshop de dois dias, os participantes são introduzidos na arte da performance enquanto instrumento político, através da modificação dos corpos com recurso a diferentes tipos de próteses e da criação de identidades híbridas, que procuram ultrapassar dicotomias como natural/artificial, homem/máquina, humano/animal, homem/mulher, hetero/homo, arte/vida, ciência/pré-tecnológica, entre outras.

3.3. Espectáculos

Durante o ciclo há sete sessões de espectáculos que trazem criações nacionais e internacionais num programa integral que combina de forma consistente a diversidade equilibrada sobre a temática de gênero e performatividade.

O primeiro espectáculo do ciclo, no dia 14 de Maio de 2015, é *Altered natives' Say Yes To Another Excess – TWERK* criado em 2012, a partir de uma intensa pesquisa sobre música grime pelos coreógrafos Cecilia Bengolea (Argentina) e François Chaignaud (França). É um espectáculo que subverte as normas do gênero e da interação humana, numa dança feroz e contínua num cenário de um clube, em que bailarinos contemporâneos interagem com DJs da cena grime no palco do teatro. Twerking é um tipo de dança em que um indivíduo, geralmente do sexo feminino, dança a música de uma maneira provocante envolvendo empurrando movimentos de quadril e uma baixa posição de cócoras. O nome é provavelmente uma junção das duas palavras em inglês: *twist* (giro, volta, torcer, retorcer, movimento circular) e *jerk* (movimentos repentinos).

O ciclo continua com o espectáculo de Lander Patrick (Portugal), *Cascas d'Ovo* que convida o público a esquecer o quotidiano frenético e a repensar as relações sociais e as suas formas de expressão a partir do silêncio e da música de dois corpos que comunicam. O público testemunha a relação entre dois homens através da negação, dois homens de olhos vendados encaixam-se na execução de uma coreografia baseada em movimentos precisos, de natureza ritmada, musical. Antes da apresentação da peça no teatro, os artistas Lander Patrick e Jonas Lopes conduzem uma oficina com doze voluntários de diferentes idades, género, ocupações, etnias. Sem necessidade de experiência prévia, o grupo integra nos últimos momentos da peça onde os voluntários desempenham actividades quotidianas em palco, tais como falar ao telefone, beber chá em pijama, aspirar, passear o cão, andar de patins, etc. A ideia é recriar um pedaço de vida preenchendo o palco de uma atmosfera caótica. Usando o teatro como microcosmos da sociedade, exploram uma nova dimensão de diálogo nas relações.

A seguir, o bailarino e coreógrafo catalão Pere Faura traz ao TMM as suas peças *Striptease*, de 2008, e *Bomberos com grandes mangueras*, de 2010. *Striptease* compara de maneira irónica e divertida o acontecimento teatral com a arte de despir-se. A performance de Faura trata de diferenças de expectativas do público num teatro ou numa sessão de striptease, do mecanismo de geração do desejo nestas situações convencionadas e da relação de sedução entre o intérprete e o espectador. Por sua vez, *Bomberos com grandes mangueras* revisita o imaginário pornográfico como prática coreográfica no que o artista chama “uma masturbação sem solidão” que o público presencia no teatro entre a posição de espectador e de *voyeur*, entre o público e o privado, entre o explícito e o erótico.

Em *Walking:Holding* (2011) de Rosana Cade, cada espectador é levado a passear pela cidade durante 30 minutos, de mãos dadas com várias pessoas; cuja idade, género e aparência é sempre diferente. Durante um fim-de-semana, o público tem uma experiência única desafiante que explora preconceitos, ligações pessoais espontâneas e as reações do público à expressão de diferentes tipos de sexualidade, social sob a forma de um passeio nas ruas da cidade pela mão de estranhos. A artista pretende romper com ideias hegemónicas sobre género e poder no seu trabalho

performático, convidando os espectadores a desafiarem os seus preconceitos ao colocarem-se na posição de outras pessoas.

Numa única apresentação, juntam-se dois solos de duas coreógrafas, bailarinas e atrizes portuguesas de gerações diferentes: Vera Mantero com a sua *uma misteriosa coisa, disse o e.e. cummings**, criada em 1996 no âmbito de homenagem a Josephine Baker, cantora e atriz afro-americana da primeira metade do século XX, procura “um espírito que não tem vontade nenhuma de anular o corpo, nem vergonha nenhuma do seu desejo e do seu sexo, o que este espírito de que fala tem vontade de anular é a boçalidade, a assustadora burrice, a profunda ignorância, a pobreza de horizontes, o materialismo, etc”. Em *Après le Bain*, de 2011, um dos primeiros trabalhos de Mariana Tengner Barros que vai atrás da questão “O corpo de uma imagem, ou a imagem de um corpo?”, ela procura um lugar onde os dois convergem, onde o performer manipula a sua própria imagem, articulando o seu estado sendo a “criadora e a criação”, tentando transcender os seus limites, a sua identidade, o seu género, e todas as demais “etiquetas” sociais que nos são impostas.

O último espectáculo internacional do ciclo é *69 positions* de coreógrafa e intérprete dinamarquesa Mette Ingvarsten. Este solo, criado em 2014, é princípio de um novo ciclo de trabalho de Ingvarsten, centrado na sexualidade e na ligação entre a política do corpo e as estruturas da sociedade. Trata-se uma visita guiada por um arquivo de performances, livros, filmes, textos e imagens da libertação sexual. Ingvarsten documenta o excesso, a nudez, o erotismo orgíaco, o prazer ritualístico, a participação e o engajamento político. Ao fazê-lo, o seu corpo transforma-se num campo de experimentação, de onde práticas sexuais pouco habituais emergem em relação com o ambiente que o rodeia.

Por sua vez, Karnart – Associação Criação E Produção De Objectos Artísticos (Portugal) apresenta a sua nova criação de co-produção como o último espectáculo no teatro. Inspirado do poema Hermafrodita de Eugénio de Castro é uma performance/instalação que decorre entre 18 e 24 de Junho 2015.

A fechar um ciclo de mais de um mês e meio, o Teatro Maria Matos colabora com o Coletivo -mente e o LuxFrágil para uma celebração fora de portas. Ima estrutura independente de criação e programação interdisciplinar, o Coletivo -mente, prepara a

noite *Bender-mente*, baseada num formato de programação já testado e realizado noutros contextos (*Final-mente*, *Criativa-mente*, *Queer-mente*, *Barrio-mente*) desafiando oito artistas a criar um objeto artístico de oito minutos dedicado ao tema do ciclo com especial presença da instalação *SexyMF* de Ana Borralho & João Galante. *SexyMF* é uma performance/instalação, de 2 horas, que parte das assimetrias que regulam as identidades sociais e definições de masculino/feminino. Baseia-se no desejo de provocar em cada espectador uma emoção forte perante a confrontação e comunicação directa através de personagens com uma exposição extrema e uma ambiguidade sexual óbvia.

3.4. Os eventos temático na rede *House on Fire*

O ciclo Gender Trouble - performance, performatividade e política de género realiza-se no âmbito de rede *House on Fire* que inclui dez teatros europeus e festivais que, nos últimos anos, têm demonstrado um interesse ativo e desempenhando um papel central no desenvolvimento do pensamento e debate sobre os problemas e desafios que as nossas sociedades estão a enfrentar. Os membros da rede organizam projetos temáticos em colaboração com as parcerias associadas, as universidades e sociedade civil de toda a Europa com recursos dos parceiros e do Programa Cultura da União Europeia (2007-2013). O tema “políticas de género” já foi apresentado no Festival *WoWmen!* de Kaaithheater (Bruxelas) em Março 2014 e está planeado um festival sobre o tema no Hebbel Am Ufer (Berlim) em Abril 2015.

3.4.1. WoWmen!

Entre o Dia Internacional da Mulher e Dia (Women’s Day) e o Dia da Igualdade Salarial (Equal Pay-Day) Kaaithheater apresentou uma segunda edição do *WoWmen!*⁴ que consistiu num programa com em teatro e dança, uma exposição, filmes, debates e pesquisas com o foco nas relações entre género, sociedade e arte. A abordagem feminista é bastante dominante no *WoWmen!*, dando mais importância à igualdade de género e examina o feminismo contemporâneo. No debate de inauguração, focou-se o

⁴ Consultar Anexo III

caso da Turquia, um país que parece ter como dilema estrutural um conflito entre as normas morais tradicionais e modernas, entre Oriente e Ocidente. O segundo debate, “SheRevolution!” tratou o papel da mulher nas manifestações políticas. Bettina Knaup apresentou o seu projecto online e o livro “Re.act.feminism – a performing archive” que é um arquivo artístico de 250 vídeos, fotografias e outros documentos de 180 artistas da performance. O coreógrafo Pere Faura que estará presente no Teatro Maria Matos, também fez parte de *WoWmen!* bem como Ilyas Odman (Turquia), Charlotte Vanden Eynde & Dolores Bouckaert (Belgica), Ragna Aurich (Holanda/Belgica), Anne Juren (Australia/EUA) com os seus espectáculos e Nada Gambier (Belgica), Nilbar Güres (Turquia), Sharon Hayes (EUA), Marie Losier (França/EUA), Sükran Moral (Turquia/Italia), Zeyno Pekünlü (Turquia) com os seus vídeos e instalações.

3.4.2. Männlich Weiß Hetero - A Festival about Privilege

O ponto de partida para o festival no Hebbel Am Ufer (HAU) é a peça de teatro “Straight White Men” criado pela dramaturga e diretora Young Jean Lee (E.U.A). O festival⁵ proporciona um olhar sobre o estado da masculinidade e uma análise à posição de poder da figura do “homem heterossexual branco” como está descrita nos estudos culturais. Os artistas internacionais, como Mamela Nyamza (Africa Sul), Ana Borralho & João Galante (Portugal) e Thabiso Heccius Pule & Hector Thami Manekehla (Africa Sul), entre outros, estão convidados a expandir as questões tal como clichés de masculinidade de que os homens não podem mostrar os seus sentimentos. Contribuições por coreógrafos como Marlene Freitas Monteiro (Portugal), Josep Caballero García (Espanha) e Andros Zins-Browne (E.U.A) , bem como a artista visual Frances Stark (E.U.A) procuram contrariar a hegemonia do paradigma heteronormativa com estratégias de auto-capacitação de planos de vida anteriormente marginalizados. Haverá também um programa de debates em colaboração com Missy Magazine.

⁵ Consultar Anexo IV – I e Anexo IV - II

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criar uma programação temática actual e inovadora que permita contribuir para o panorama de actividades artísticas da cidade, é uma tarefa desafiante. Um ciclo temático envolve um processo que trabalha com diferentes temporalidades, realidades e contextos. A concepção de um tema para um ciclo de curta duração limita a quantidade de obras e dos projetos apresentados, contudo, também permite ao mesmo tempo focar num ponto de vista com mais clareza. Para a criação de uma programação artística é necessária uma equipa multifacetada, que permita discutir a sua construção desde a parte da teoria e da prática artística, até à própria gestão dos elementos da programação nas áreas de produção, comunicação e técnica.

Hoje em dia, nas artes performativas, a noção da curadoria está presente em muitos níveis, na referencialidade duma obra, na perspectiva histórica da arte, nas dinâmicas de mercado. Por isso considero importante inscrever o termo curadoria que pertence mais ao mundo de artes visuais do que às artes performativas. *Sendo a terminologia e descrição da ocupação adoptado das artes visuais, o curador lida com os formatos, com a arte e os artistas, e com as finanças e os públicos na sua forma particular.* É indispensável pensar na programação artística como uma prática curatorial que permita representar conceitos, espaços e temporalidades com todos os elementos envolvidos tais como artistas, públicos e produtores, etc. numa forma coesa. O Florian Malzacher afirma que *o modelo do curador também é um contra-modelo do gestor cultural, que valoriza e aposta actividades criativas e artísticas mais amplas, cujo objetivo é, afinal, sócio-cultural* (Malzacher, 2010).

No caso de ciclo temático *Gender Trouble* no TMM, a co-curadora convidada para desenhar a programação com o diretor artístico de teatro trouxe uma perspectiva mas alargada no sentido da problematização teórica, da história de arte e das interligações entre os mundos de arte, académicos e público em geral. Tornou-se, com o seu conteúdo, permitindo construir uma programação baseada nas experiências individuais e coletivas. Uma programação participativa que pode potenciar uma relação forte entre as artes performativas e o público em geral, criando um lugar de encontro que complete a vertente de “debate e pensamento” e reforce a sua actividade curatorial ao mesmo tempo. Disponibilizar um leque de espéctáculos,

palestras, oficinas sobre um tema específico dará a oportunidade aos intervenientes do programa e também ao público de conhecer projetos na mesma área.

Dar vida ao conceito de performatividade dentro dum espaço teatral como o Teatro Maria Matos pode potenciar não só o seu projecto curatorial mas também pode introduzir novas abordagens de definição de que é o teatro e/ou a performance. A experiência artística é uma via para fazer da performance algo transversal, revelar as camadas de profundidade presentes na vida quotidiana, possibilitando a abertura dum leque de possibilidades que podem permitir a criação de novas e férteis narrativas da realidade.

O foco específico na performatividade de género desafia o teatro municipal, a dar visibilidade à realidade marginalizada via projetos artísticos que foram criados com esse objectivo ou que podem ser interpretados naturalmente em relação com questões de género. Pensar numa forma participativa de estruturar um ciclo temático e convidar o público em geral a fazer parte, permite criar uma interacção mais intensa entre o teatro e o público. Uma interação que faz parte do carácter performativo de teatro incluindo a sua relação com a performatividade, criando um lugar privilegiado em diálogo com o público, não só para re-escrever as narrativas deste mas também as próprias dinâmicas da sociedade.

5. BIBLIOGRAFIA

- Austin, J.L. (1962). *How to do things with words*. Oxford University Press
- Butler, Judith (1993). *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "sex"*. New York: Routledge
- Butler, Judith (1990). *Gender Trouble - Feminism and the subversion of Identity*. New York: Routledge.
- Butler, Judith(2004). *Undoing Gender*, New York: Routledge.
- Carlson, Marvin (1996). *Performance: A Critical Introduction*. London and New York: Routledge.
- Giddens, Anthony (1993). *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love, and Eroticism in Modern Societies*. Stanford University Press.
- Goffman, Erving (1993). *A Apresentação do Eu Na Vida Dos Todos Os Dias, Lisboa: Relógio D'Água*.
- Goldberg, RoseLee (2012). *A Arte de Performance: Do Futurismo ao Presente*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Goldberg, RoseLee (1998). *Performance: Live Art since the 60's*. London: Thames and Hudson.
- Madeira, Cláudia (2011). *Híbrido: do Mito ao Paradigma Invasor*, Mundos Sociais
- Malzacher, Florian (2010). About a job with an nuclear profile, aim and future. *Frakcija: Curating Performing Arts*, 55, 10-19, Zagreb
- Munoz, José Esteban (1998). *Disidentifications: Queers of color and the performance politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press .
- Phellan, Peggy (1996). *Unmarked – the Politics of Performance*, New York, Routledge.
- Reckitt, Helena, Phellan, Peggy (2001), *Art and Feminism*, London, Phaidon.
- Schechner, Richard (2002), *Performance Studies: An Introduction*, New York, Routledge

6. LISTA DOS ANEXOS

- 6.1. Anexo I : Programa do ciclo *Gender Trouble*
- 6.2. Anexo II : Programa e Artistas de Video & Gender
- 6.3. Anexo III : WoWmen! no Kaaitheater
- 6.4. Anexo IV : Männlich Weiß Hetero - A Festival about Privilege no HAU